

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DA HORTA | 1851 - 1977



BOLETIM N.º 35 – JUNHO DE 2017

www.aaalh.pt | aaaliceudahorta@gmail.com

20 ANOS DE CAUSAS E PROJECTOS

A CULTURA
DE UM TEMPO DE SAUDADE

recordar não é esquecer

educação Recorreremos às ns

Primeiro Sócio Honorário
150 Anos na Diáspora

150 Anos de Memórias

Marcelino Lima nos Anais do Município da Horta, em
«A instrução secundária regular principiou na Horta em



Memórias para o Futuro

Mensagem do Presidente da Assembleia da República

Assembleia Regional
apoia estudo do republicanismo

Um longo passado
à nossa frente

A História do Liceu
O Espírito dos Antigos Alunos

Lendo Florêncio Terra

Nostalgias com Novos Horizontes

O tempo do Liceu

A força da arte sénior

REGRESSOS

O Património dos Cabos Submarinos

PATRIMÓNIO DO ATLÂNTICO

Recordando Insularidades

UniSénior no Amor da Pátria

ARRIAGA NA FILATELIA DO CENTENÁRIO



UNIVERSIDADE SÉNIOR
DA ILHA DO FAIAL

MEMÓRIAS DO CENTENÁRIO
CENTENÁRIO
PRESIDENTE ARRIAGA

MEMÓRIA COM HISTÓRIAS DE VIDA

MAIS PERTO DO PRESENTE (II)



GRUPO DOS AMIGOS
DA HORTA DOS
CABOS SUBMARINOS



**O TEMPO DOS
CABOS SUBMARINOS**

DA SAUDADE AO PATRIMÓNIO



Completámos 18 anos! Uma maioridade simbólica. Num percurso de errâncias desejadas. À procura de sentidos. Primeiro, na «cultura da saudade» (boletim n.º 1, 1998*). Naturalmente especial no seu alcance. Confortável nas abordagens. Mas, aprofundando a nostalgia. No sentimento contraditório «de nada ainda ter sido concluído e tudo já não ser possível». Viémos, então, para mais próximo do presente (boletim n.º 16, 2007*). Sem abrandar a procura do valor do passado (não do que passou mas do que permanece quando algo muda). Imaginamos a desagregação do futuro. Quando é desvalorizado o passado. Depois, conseguimos tomar consciência do dever de memória. Cultivando heranças. Interpretando-as como «dívidas». Com a obrigação de as devolver à História. Contextualizadas. Na escolha e registo dos traços. Na preservação das essências. Respeitando as dimensões do tempo. Fazendo com que a(s) memória(s) atravesse(m) os tempos dos legados. E suba(m) ao «direito de cidade» como património. Nestes 18 anos juntaram-se muitas memórias. Emergentes dessa «cultura da saudade». Em projectos singulares. Evocativos de circunstâncias. Ou biográficos. E vimos reconhecidos patrimónios, materiais e imateriais, com a mesma «matriz genética».

* em www.aaalh.pt



Estas MENSAGENS DESALINHADAS foram rumos por onde andou a AAALH nestes 20 anos. Na procura dos sentidos do passado. E da lucidez para questionar a Memória e a História. Questão complexa. Porque a 'nossa' história tem braço da época – o tempo do liceu – e emblema das circunstâncias – anseios com certezas. Não se interroga. Só tem respostas, vividas. Mas de olhar incerto. Perturbado pelo enigma dos conluios do suposto presente com o impertinente passado.

Criámos um laboratório. A Universidade Sénior do Faial. Que nos trouxe velhas novidades. Barrando o caminho ao mito do limite de idade. Quando se enfrentam causas e se abraçam projectos.

Atingimos duas décadas desde que nos encontrámos para criar esta Associação. Está a fazer-se tarde. O balanço vem aí. Entre duas visões. Uma, conservadora. No enalço de um tempo de saudade. Do controverso mas bem popular, 'recordar é viver'. A outra, da construção da Memória das memórias. Em que o passado e o presente não são entidades distintas. E não dispensam pensar e intervir.

Até 24 de Maio de 2018, dia do centenário do nascimento do Antigo Aluno Frederico Machado, primeiro sócio honorário da AAALH, vamos revisitar os usos do passado. Questionando o património que conseguimos nestes 20 anos e – porque não? – ampliar os destinos da Associação.

Testemunho

20 ANOS – AS MINHAS VINTE ESCOLHAS



Trago um conjunto de recordações que me apraz evocar nesta ocasião em que se assinalam os vinte anos desse dia 9 de Maio de 1997, em que um grupo de antigos alunos e de antigos professores do Liceu da Horta (1851-1977) tomaram a decisão de fundar uma Associação. Foram vinte anos marcados por muitos acontecimentos. Quiz que a memória me revelasse o que, ao longo dos anos, me terá emocionado mais. Só isso. Não fiz comparações, nem pesquisas. Não houve critério. Apenas a emoção que resistiu ao esquecimento. São vinte escolhas que formam um rasto de boas memórias:

- O momento em que nos juntámos para criar a Associação... afinal, cada um já a levava consigo... pressentia-se um sentimento de identidade e pertença (Lisboa, Casa dos Açores, 1997).
- O lançamento da Associação no Faial, com os que vieram da Diáspora e... do Pico!... recordo o entusiasmo de João Rodrigues e de Tomás Duarte... sentimo-nos de novo caloiros! (Estalagem de St. Cruz, 1998).
- O encontro na Cozinha Velha da Manutenção Militar... Frederico Machado recebeu de M. Meirinho o diploma de Sócio Honorário... fantástica a forma como Jaime Neves nos recebeu... vieram muitas mensagens, recordo uma da Graciosa, de Mercês Coelho (Lisboa, 2000).
- Aquela sessão no ginásio do Liceu... cheio como antigamente... a marcar o início das comemorações dos 150 anos... que viagem ao passado! (ESMA, 2001).
- A exposição de fotografias sobre a História do Liceu... as pesquisas da comissão... as ajudas de dentro e de fora da Escola... na Semana do Mar teve mil visitantes (só os que assinaram o livro)... que bonito ver avós a explicar aos netos como era! (2001).
- O lançamento da reedição de 'Cantos Sagrados', no auditório da Fábrica da Baleia, S. Campos Matos e J. L. Brandão da Luz... estavam muitos deputados (era dia de plenário). Sabiam pouco de Manuel de Arriaga... Fizemos figura! Com a ALRAA, 2002.
- A estreia do Orfeão dos Antigos Alunos... o entusiasmo de todos, Norberto Oliveira orgulhoso deste "milagre artístico"... momento inesquecível quando cantaram os parabéns aos 150 anos do Liceu... a assistência rompeu numa salva de palmas de pé! Que emoção! (ginásio do liceu, 2003).
- A sessão de abertura do Colóquio 'O tempo de Manuel de Arriaga' no Salão Nobre da Universidade de Lisboa... tanta gente importante... sentimentos que era respeitável o que andávamos a fazer. Com o Centro de História da UL, 2003.
- O 28.º aniversário da Universidade dos Açores no Faial... Frederico Machado na toponímia da cidade da Horta... a grande homenagem no Teatro Fayalense... disse-me Renato Lemos "muita gente nesta ilha vai ficar contente com o que aconteceu hoje", (2004).
- O lançamento do livro sobre a História do Liceu, nas Festas da Cidade... Carlos Lobão (o autor)... Sampaio da Nóvoa e o sentido da obra... o Orfeão... tudo bonito, tantas memórias... um êxito de vendas, logo ali (Teatro Fayalense, 2004).
- O dia em que a memória de um faialense, Manuel de Arriaga, "entrou" no Panteão Nacional... um grande orgulho... também ajudámos! (2004).
- A evocação dos tempos do Porto da Horta, primeiro no lançamento do livro intenso 'Nas rotas de um bisavô' de Yolanda Corsépius, no Clube Naval, e depois num colóquio no Hotel do Canal... sentimos que o Porto da Horta é um museu *in situ* e do Atlântico, como disse o Pe. Júlio da Rosa. Com o Clube Naval e a APTO, 2005.
- O encontro em que evocámos Gabriel Baptista Simas (o Pai Simas) na sua terra no Pico... o elogio emocionado de José Azevedo tomou conta de nós! (S. Roque, 2006).
- A sessão sobre o futuro do Porto da Horta... a tese de Pedro Garcia na Univ. do Porto... tanta gente, tantas intervenções... tanta esperança! (Escola Profissional, 2007).
- Aquele encontro de cerca de 300 AA's da Escola do Magistério Primário da Horta, com o pretexto dos 60 anos do 1.º curso. Emocionante! A EMP era a vários títulos um prolongamento do liceu... mas ficou-lhes uma forma especial de sentir 'tudo'... a certa altura ouviu-se uma crítica à organização... "então, não cantamos?". (Hotel Fayal, 2007).
- A evocação do tempo do Vulcão – 1957/2007 – várias momentos que prenderam os presentes... ouvir a Prof.ª Raquel Soeiro de Brito, faialense do coração, a falar de um fenómeno de que tem vivências únicas... recordar o sucesso da mobilização das comemorações ("uma erupção de cultura")... apreender a importância da investigação sobre a 'Geração do Vulcão' (Carlos Lobão), recordando os "nossos" emigrantes que continuam a celebrar o tempo do liceu... nos EUA e no Canadá (Lisboa, Casa dos Açores, 2007-2008).
- A sessão de apresentação à sociedade faialense da Universidade Sénior da Ilha do Faial foi notável, perdi essa alegria, imaginei-a à distância... Mário Lourenço contou-me... o Amor da Pátria cheio de entusiasmo sénior, a força de tantos a darem-nos força... uma pena enorme, o nosso Presidente da Assembleia Geral, José Bulcão, falecera (2008).
- O entusiasmo à volta do museu do cabo submarino no dia do 1.º colóquio... a vinda ao Faial de AA's ex-cabografistas... Gilberto Costa com 97 anos... ainda queria reparar equipamentos, triste com as falhas no espólio da sua Western Union... o grande convívio na 'messe' (Hotel Fayal, 2010).
- 'Haverá no Faial património de valor universal?'... era inverno, uma sessão à noite, chovia muito e diz-se que a Fábrica da Baleia fica "fora de mão"... afinal, não cabiam, muitos ficaram de pé!... um colóquio muito intenso, muitas participações, muitas ideias, muitas queixas sobre o património do Porto da Horta. Com o Observatório do Mar, 2011.
- 120 anos do 1.º cabo submarino... uma jornada que começou ali 'in situ' na Alagoa, a emoção continuava... o telegrama de Carcavelos (de onde veio o 1.º cabo), as memórias filatélicas... os projectos de Martins Naia... a recordatória de todas as companhias... os trabalhos de John Ross e a promessa "peremptória" do Secretário Regional que lá foi... o memorial que nunca cumpriu! (2013).

Henrique Barreiros, Antigo Aluno (1951/59)

Para Um Perfil Histórico e Cultural dos Açores por VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

Nos Vinte Anos da Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta

Lisboa, Casa dos Açores – 1 de Junho de 2017

Algumas mensagens do Autor

Terra, Mar e Memória do Fogo

"Terras lavradas, marcas de humanidade, anichando-se nas coisas, e não contra as coisas. Por fim, numa espécie de apoteose sinfónica, a paleta inebriante dos fundos marinhos, povoados por uma vida irrequieta, o olhar voa como as aves migratórias que visitam o arquipélago, transporta-se na magnífica diversidade da flora, penetra na raiz vulcânica, no calor umbilical das terras de lava..."

Um Segredo Divino...

"Há mais de quinhentos anos que a beleza dos Açores guarda dois segredos fundamentais. Um segredo divino e outro humano. O primeiro respira no dom prodigioso das forças telúricas e marinhas envoltas num abraço fecundo, onde a vida se renova continuamente, por vezes no sobressalto da crosta em dilaceração, noutras vezes na explosão da promessa ardente de nova terra, dessa que jaz sob o Oceano, e se derrama com estrépito dos cones vulcânicos..."

...e um segredo humano

"Aqueles mulheres e homens que povoaram os Açores não têm nada a esconder ou a lamentar em meio milénio de construção da sua casa no arquipélago. Os colonos não tiveram que travar guerras de extermínio para expulsar anteriores ocupantes. O seu anseio por uma vida melhor não teve de significar a morte e a opressão de outros seres humanos, como tantas vezes sucedeu em "novos mundos", banhados pelo Atlântico ou pelo Pacífico..."

Um mundo renovado pelo trabalho

"Nos Açores não existiam Incas, Iroqueses ou Maoris. Apenas uma Natureza poderosa, de cortar a respiração. O seu sonho de vida melhor não levou essas mulheres e homens a uma terra de leite e mel. A raiz do seu sucesso foi e é o seu suor, o seu trabalho tenaz, a sua coragem, a sua resiliência comunitária, o seu profundo e religioso respeito pelos elementos, a sua fina inteligência e tacto cultural, de que tanto têm beneficiado Portugal e a Europa..."

O Faial na História do Atlântico

TEMPOS DO PATRIMÓNIO DO PORTO DA HORTA



«A relevância da ilha do Faial, numa avaliação dos vectores essenciais que determinaram o seu percurso histórico enquanto unidade geográfica inserida no arquipélago dos Açores, e também numa visão que extravasa o seu universo restrito, na perspectiva do seu contributo para a dinâmica global destas ilhas no quadro do Atlântico, assenta na sua posição geográfica relativamente ao sistema das rotas transatlânticas e na seguran-

ça do seu abrigado porto. Foram estes factores que desenharam o seu perfil como realidade geográfica distinta no contexto insular, e foi por via deles e em resultado da secular abertura ao mundo exterior que a própria sociedade faialense foi moldando a sua personalidade e o seu carácter igualmente distintos.

Provindo das mais variadas origens continentais, os primeiros povoadores assimilaram uma nova forma de estar geradora de uma

idiossincrasia marcadamente atlântica que as gerações seguintes foram assumindo e integrando de forma natural num lento processo de reelaboração da sua própria identidade.

Desde a Rota do Cabo em que a “volta pelo largo” até à altura das Flores e Corvo, fazia confluir a navegação para este porto seguro, ainda antes dos navios demandarem a escala “oficial” da Provedoria das Armadas instalada em Angra; desde os tempos do corso isabelino na espreita dos galeões das Índias de Ocidente, passando pelas rotas das Américas, mais a recentragem estratégica determinada pela fixação da corte portuguesa no Rio de Janeiro acompanhada da transferência dos interesses britânicos para o Atlântico profundo; e depois a conveniência da terra faialense como plataforma logística para a constituição da expedição liberal, mais a imprescindibilidade do apoio à frota baleeira americana e ainda a escala dos vapores para tomar carvão; e as amaragens pioneiras das experiências que assinalam os marcos fundamentais da história da aviação e ainda a amarração dos cabos submarinos transatlânticos; e a valia como base militar naval na II Guerra Mundial – sempre o porto da Horta em destaque a tornar desproporcionada a importância de uma pequena ilha ancorada a meio do Oceano. Por tudo isto, nenhuma ilha dos Açores, como a ilha do Faial, revela uma tão persistente, ampla e íntima relação com o Atlântico ao longo da sua história, nomeadamente como testemunha e interveniente nas transformações tecnológicas essenciais que se operaram no rolar dos séculos, com verdadeiro alcance civilizacional.

Hoje, é ainda esta vocação atlântica que marca e anima a ilha do Faial, fazendo do seu porto e da sua marina escala desejada da navegação de recreio que em cada ano, em número crescente, cruza os oceanos, credenciando a Horta como verdadeira “capital do yachting do Atlântico Norte”.»

Ricardo Madruga da Costa

Extracto do texto “Uma breve perspectiva da história da Ilha do Faial” in Sousa Oliveira, C.; Costa, A.; Nunes, J., Sismo 1998 – Açores. Uma década depois, 2008 (pp. 33-45)

(O título deste texto é da responsabilidade da redacção)



As fotos desta página foram publicadas no boletim n.º 15 (2006) sob o título ‘Património do Atlântico’



O Museu do Porto da Horta. Outro esquecimento?



Ricardo Madruga da Costa tem uma vasta obra sobre a História do Faial e em particular sobre o valor patrimonial da cidade da Horta na intimidade com o seu Porto (ver texto nesta página). Ainda, recentemente, com Ângelo Andrade, apresentou uma proposta de Roteiro Histórico do Porto da Horta (Boletim do Núcleo Cultural da Horta (2013).

A AAALH tem dedicado grande atenção a este património em iniciativas de mobiliza-

ção social para a sua preservação e classificação. Foram 7 momentos de debate, em parcerias, circunstâncias e locais diversos.

É importante rever o que foi dito pelo Pe. Júlio da Rosa (um museu do Atlântico), pelo Eng. Ângelo Andrade (a instalação do museu do Porto *in situ* nos armazéns históricos) e por tantos outros participantes nesses colóquios.

É urgente inquirir a Direcção Regional da Cultura sobre o património existente, de terra

e de mar, incluindo os espólios subaquáticos.

É ainda mais urgente conhecer e debater o projecto, aparentemente em curso e sem nenhum debate prévio sobre os antecedentes, em que o Governo Regional se apronta para reduzir esta importantíssima mais valia museológica para o Faial a algumas dependências de um antigo edifício (Cable Station) junto à Trinity House (este também há muito a aguardar a instalação do museu do cabo submarino).

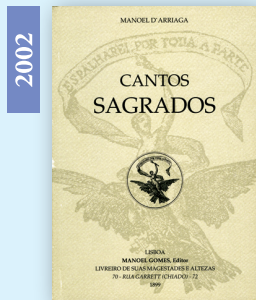
O QUE FALTA PARA O FAIAL TER AS PINTURAS DA MARINA NO GUINNESS?

Pergunta com história para a “Portos dos Açores” e para o “Museu da Horta”

NO CENTENÁRIO DA MORTE DE MANUEL DE ARRIAGA

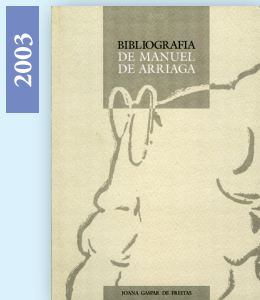
Faial 1840 - Lisboa 1917

OBRAS PUBLICADAS ENTRE 2002 E 2017



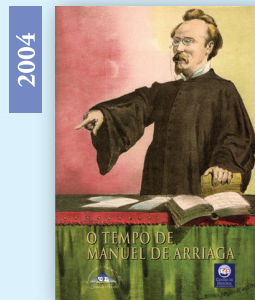
2002

Cantos Sagrados
Fac-símile da edição de 1899
Obra de Poesia de Manuel de Arriaga.
Introdução da AAALH, 172 pp. ^{B)}



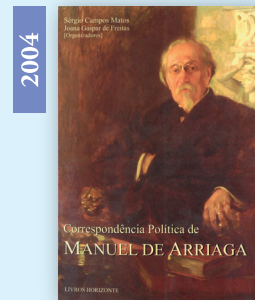
2003

Biografia de Manuel de Arriaga
(Activa e Passiva)
Joana Gaspar de Freitas,
AAALH, 140 pp. ^{B) C)}



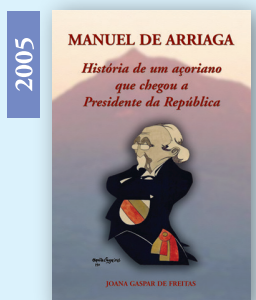
2004

O Tempo de Manuel de Arriaga
Actas do Colóquio (2003), Sérgio Campos Matos
Centro de História da Universidade de Lisboa
e AAALH, 350 pp. ^{A) B) C) E)}



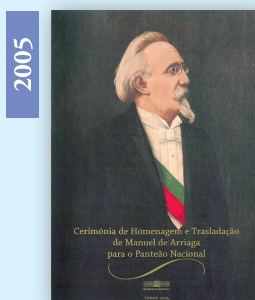
2004

Correspondência Política
Introdução de Sérgio Campos Matos,
colaboração de Joana Gaspar de Freitas,
Livros Horizonte, 551 pp. ^{A) B) D)}



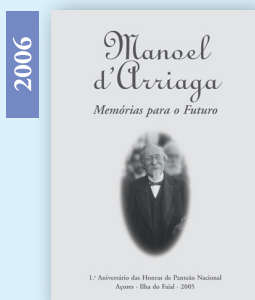
2005

História de um açoriano que chegou a Presidente da República
Joana Gaspar de Freitas,
AAALH, 95 pp. ^{B) C)}



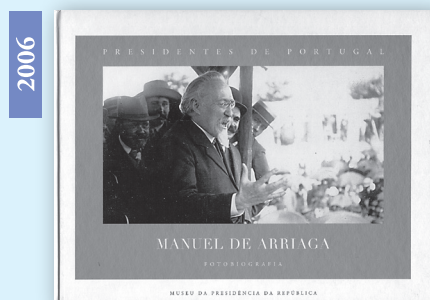
2005

Homenagem e Trasladação para o Panteão Nacional (16/9/2004)
Assembleia da República, 41 pp.



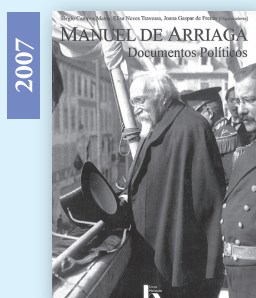
2006

Memórias para o Futuro
Jornada Comemorativa do 1.º Aniversário das Honras de Panteão, Faial,
AAALH, 94 pp. ^{B) C)}



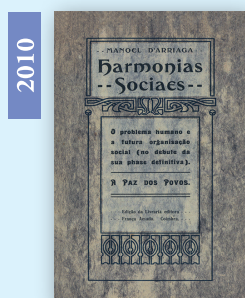
2006

Presidentes de Portugal – Fotobiografias. Manuel de Arriaga
João B. Serra, Lisboa, Museu da Presidência da República, 2006, 95 pp.



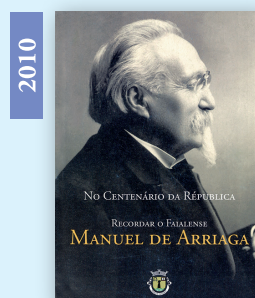
2007

Documentos Políticos
Coordenação de Sérgio Campos Matos, org. e introdução de Elisa Neves Travessa e Joana Gaspar de Freitas,
Livros Horizonte, 304 pp. ^{A) B)}



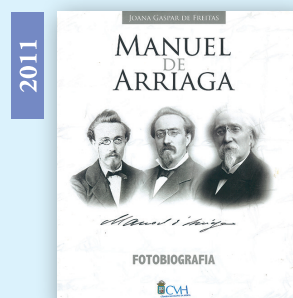
2010

Harmonias Sociais
Fac-símile da edição de 1907
Estudo Introdutório de JL Brandão da Luz,
AAALH, 333 pp. ^{B)}



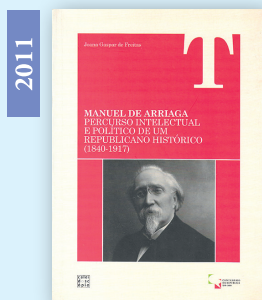
2010

No Centenário da República: Recordar o faialense Manuel de Arriaga
Coord. de F. Faria Ribeiro e J. Costa Pereira,
Junta da Freguesia da Matriz, Faial, 51 pp. ^{C)}



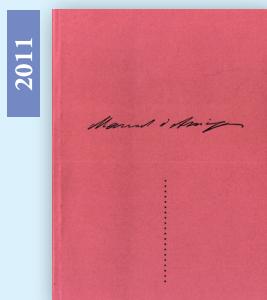
2011

Manuel de Arriaga – Fotobiografia
Joana Gaspar de Freitas,
Câmara Municipal da Horta, 241 pp.



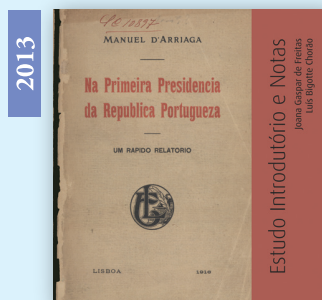
2011

Percurso Intelectual e Político de um Republicano Histórico
Joana Gaspar de Freitas, Tese (2005), Caleidoscópio e Comissão Nacional do Centenário da República, 158 pp.



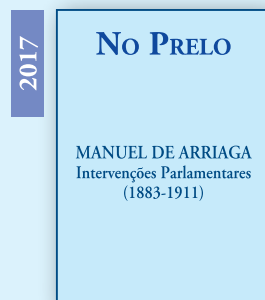
2011

Manuel de Arriaga
Evocação do 1.º Reitor da Univ. de Coimbra na República,
Imprensa da UC e AAALH, 97 pp.



2013

Na Primeira Presidência da República Portuguesa
Fac-símile da edição de 1916
Estudo introdutório e notas de Joana Gaspar de Freitas e Luís Bigotte Chorão, AAALH, 378 pp. ^{B)}



2017

Intervenções Parlamentares (1883-1911)
Sérgio Campos Matos, Catarina Rufino,
Centro de História da Univ. de Lisboa,
AAALH, 630 pp.

PATROCÍNIO

